

Uma razão para o cinema digital [finalmente!]

por Eduardo Valente

Qualquer pessoa razoavelmente informada sabe que nos últimos 10 anos nenhum assunto no mundo tomou maiores proporções na discussão sobre cinema do que a tal “revolução do digital” – uma tecnologia que baratearia a realização dos filmes, que permitiria maior democratização no acesso, que permitiria uma filmagem mais livre de regras, mais próxima da experimentação etc.

radicalmente novo que a película não permitisse antes de jeito algum.

Porque, com a manutenção da película como suporte de exibição, obrigando o filme a passar pela kinescopagem para ser exibido em salas de cinema e, portanto, ainda possuir um custo alto, o cinema de fato não se democratizou tanto assim. Da mesma forma, ter a câmera livre para mover-se, ou reduzida para ser

Paulo uma singela sessão especial no Museu da Imagem e do Som jogou com a força de uma bomba a verdade na minha cara.

Levemente escondida numa extensa programação, tratava-se da sessão que exibiria o resultado de 3 oficinas de realização cinematográfica mantidas em comunidades carentes da cidade de São Paulo pela mesma Kinoforum que organiza o festival. Confesso culpadamente

que em um primeiro momento não havia nem me agendado para ver a sessão. Tinha a tendência de achar que seriam ou trabalhos constrangedoramente toscos, os quais o público do MIS aplaudiria piedosamente, ou

obviedades documentais sobre a realidade das periferias. Fui ver simplesmente porque não tinha nada melhor no horário, e porque havia uma penca de amigos pessoais relacionados com o projeto. A estes, meu *mea culpa*. Devia ter confiado que com tais nomes envolvidos, meus temores não podiam mesmo confirmar-se.

Porque, meus amigos, ao que eu assisti naquela sessão restaurou não somente minha fé no cinema digital como alternativa viável de realização democrática, mas, acima de tudo, restaurou talvez minha fé no cinema de curta metragem brasileiro. Cheio até a medula de seguidos curtas nacionais cada vez mais gelados e engessados pelos

Pois bem: quase seis anos depois do *Dogma 95* (que, a bem da verdade, começou a dar frutos – ou melhor, filmes – mais adiante), é da opinião deste escriba que apenas dois filmes fizeram crer que o digital pudesse representar algo de novo no cinema mundial: o próprio *Os Idiotas* de Lars von Trier e, por incrível que pareça, *A bruxa de Blair*. Foram os únicos filmes que apresentavam reais mudanças que apenas o digital tornasse possível, seja em linguagem, seja em organização da produção. Claro, há inúmeros outros belos filmes feitos em digital (como *No quarto da Vanda* ou *Festa de família*), mas estamos falando de revoluções, de algo

escondida, mostrou-se na enorme maioria das vezes muito mais um flagelo na mão de cineastas sem propósito que uma benção na mão de grandes diretores. Finalmente, a idéia de que o digital facilitava a realização documentária ao libertar o realizador do custo da película forçou-nos a ver nos cinemas uma quantidade enorme de documentários cujo lugar efetivamente era a TV, enquanto um gênio como Wiseman continua realizando épicos de 4 horas em película.

É, portanto, com justificada desconfiança que eu encaro qualquer conversa em torno do digital como revolucionário. Ou melhor, encarava. Até que no último Festival de Curtas de São



concursos de roteiro, que cada vez menos permitem experimentações, paixões, erros, e cada vez mais produzem em quantidade caras brincadeiras vazias de realizar um filme, nessa sessão vi 12 curtas melhores que toda a produção brasileira do ano.

Em um primeiro momento, tentei policiar meu paternalismo. Ou seja, não queria ser “bondoso”, perdendo trabalhos fracos pelo não domínio da técnica ou da linguagem. Não fazer aquela “defesa da miséria”, de que a pobreza é linda na sua criatividade, esse canalha discurso de dominador. Não precisava temer isso. Num segundo momento, preocupou-me o nível de interferência da equipe muito bem formada na ECA-USP

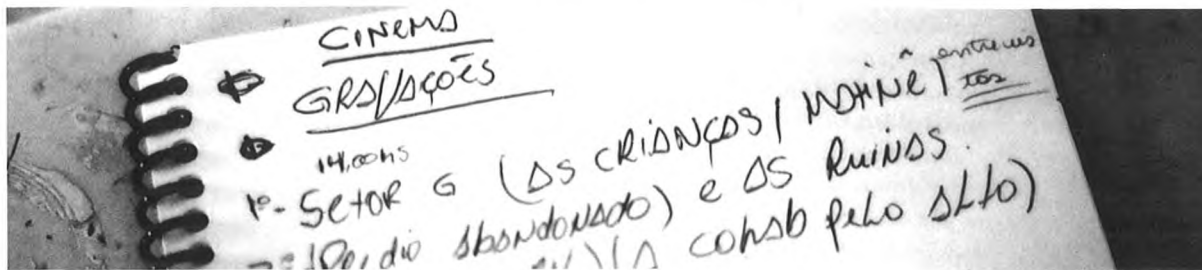
que ministrava as oficinas, o quanto dos trabalhos são deles, o quanto são dos alunos. Mas, nos discursos de abertura da sessão em que os alunos apresentaram o trabalho, ficou claro seu potencial para

realizarem por si próprios (com assessoria técnica, claro) qualquer tipo de trabalho. E, digo mais, se eles sofreram interferência dos que ministram as oficinas, o fato é que dessa mistura saiu algo muito melhor do que os professores jamais fizeram sozinhos.

E a revolução é de fato dupla. Primeiro, de produção. Porque com os R\$ 40 mil de patrocínio do projeto seriam realizados 16 curtas, ou seja, pelo preço de cada um dos exercícios de futilidade que saem dos concursos de roteiro que vemos a cada ano. Segundo, porque realizou em 4 dias o equivalente de troca e ensino que muitas faculdades de cinema em 4 anos não

conseguem colocar na prática de seus alunos. Terceiro, porque da colisão cinematográfica de mentes e corpos virgens de produzir suas próprias imagens com professores formados, emergiu um aprendizado de mão dupla que acabou criando um resultado terceiro inesperado. E quarto, porque finalmente podíamos ver uma parcela da população como fazedora de imagens, e não mais como objeto ou consumidora. E como muda nossa impressão sobre qual a sua imagem ao assistirmos.

Coletivamente os filmes impressionavam pelo domínio de linguagem que pode, sim, ser atribuído aos professores – mas isso seria diminuir o que é mais óbvio.



Ou seja, que, como consumidores constantes (especialmente via TV, claro), esses jovens já possuem um muito maior domínio da sofisticação audiovisual do que queremos crer no nosso paternalismo. Os filmes impressionavam ainda mais pela urgência do tema, pela necessidade de falar de si mesmos, do que está à sua volta, o que o cinema brasileiro (de qualquer bitola ou duração) parece abster-se a cada dia de fazer. Ou seja, com esses meninos e meninas aprendemos não só que é possível filmar barato e rápido, mas acima de tudo aprendemos que filmar com um motivo, com um porquê, é muito mais nobre e útil ao próprio autor e ao público.

Para falar mais, preciso referir-se a trabalhos específicos.

Entre os do primeiro grupo de realizadores, da comunidade de Monte Azul, impressiona o documentário *Vira vira*, que esbanja criatividade e humanidade para tratar do alcoolismo com uma falta de moralismos e de sisudez que envergonha qualquer GNT, Rede Globo ou BBC. A estes e seu discurso que distribui culpa falta assumir o óbvio: que toda droga oferece prazer, senão não seria usada. A negação desse fato como algo secreto e proibido torna qualquer outra observação parcial e errônea, e precisa um jovem dessa comunidade para mostrar-nos isso por “A + B”. Temos ainda

de lá a surpresa do uso subversivamente ácido e crítico da câmera como objeto político em *Tato*, que acompanha um jovem que procura emprego, numa sofisticada brincadeira de ficção e realidade que mostra o quanto de tempo temos perdido assistindo ao Faustão. Temos ainda uma incursão pela linguagem poética tornada simples e popular em *Uma menina como outras mil*, cujo título não podia ser mais exato; e um passeio rápido pelo experimental como forma de mostrar um errante garoto pelo mundo da periferia, em *Rumo*.

Tomada a porrada, dos quatro primeiros exemplares que jogaram por terra qualquer esperança ainda paternalista de

minha parte, os olhos e ouvidos estavam abertos para ver o que mais eu tinha a aprender de cinema com aqueles moleques, já que os adultos dos curtas em película não

Fantástico na cabeça, foi um certo alívio ver e achar um trabalho mais fraco para me liberar de preocupações de estar sendo por demais condescendente. Depois mais um

com o fenomenal pseudo-documentário *Super Gato contra o Apagão* que mistura um discurso subversivo e político inexistente no cinema brasileiro atual com uma



irreverência do nosso melhor cinema marginal. E, na seqüência, os inesperadamente libertários *Impulso* (muito mais avançado sexualmente do que qualquer cinema atual) e *Mentiras verídicas*, que força um pouco a barra

tinham nada a aprender aparentemente ao realizar seus filmes, e por isso mesmo acabavam não ensinando nada.

A próxima leva era da Cohab de Raposo Tavares. Começamos com uma primeira incursão mais direta pelo documental, chamada *Maravilha tristeza*, que é o tipo de sacada cotidiana que as câmeras viciadas dos donos das imagens jamais permitiriam perceber nos documentários sobre esse local, e não feito por ele. Cheio de frescor e graça, tornava engraçado e simpático o banal do dia-a-dia. Depois um trabalho menos interessante, justamente por

breve ensaio poético sobre o circo, chamado *Fascinação*, e, por último, o mais impressionante dos trabalhos da comunidade, o surpreendente *As causas impossíveis do Santo Expedito*, que usa sofisticada montagem paralela e jogos de enquadramento para falar um pouco de religiosidade e pobreza.

Já estava agora preparado e maravilhado, mas ainda havia surpresas a serem proporcionadas pelo pessoal da Freguesia do Ó (de que só conheço a música do Gilberto Gil...). Começou menos interessante com o *Mangue paulistano*, um

no início no simbolismo direto de suas imagens, mas consegue uma carga poética e anárquica fortíssima.

Ao fim da sessão, convencido de que havia visto, de longe, à melhor coleção de curtas daquele festival, corri para propagar o que continua sendo meu brado maior: finalmente foi encontrada a vitalidade que o cinema brasileiro precisa receber via transfusão o mais urgente possível. É essa garotada que precisa começar a nos ensinar a fazer cinema do zero, como supostamente aqueles professores estiveram fazendo com eles. É o momento de rever tudo, de espalhar,



querer ser “sério”, ou seja, usar a periferia como objeto de denúncia moralista, que acaba diminuindo seu alcance. Sem dúvida reflexo de muitas horas de *Globo repórter*

exercício de denúncia do dia-a-dia de um jovem da periferia que não se diferencia muito do olhar que costumamos ter. Mas a seqüência da sessão foi memorável. Primeiro

de disseminar. É o momento de perceber, finalmente, em que medida o digital pode de fato representar algo novo, jamais visto. É hora de o cinema mudar de lado, e assistir um pouco a seus objetos tornando-se sujeitos, e, com DVs em mãos, mostrarem-nos tudo que nós perdemos após anos e anos de cinefilia e elitização vazias.

Viva!